

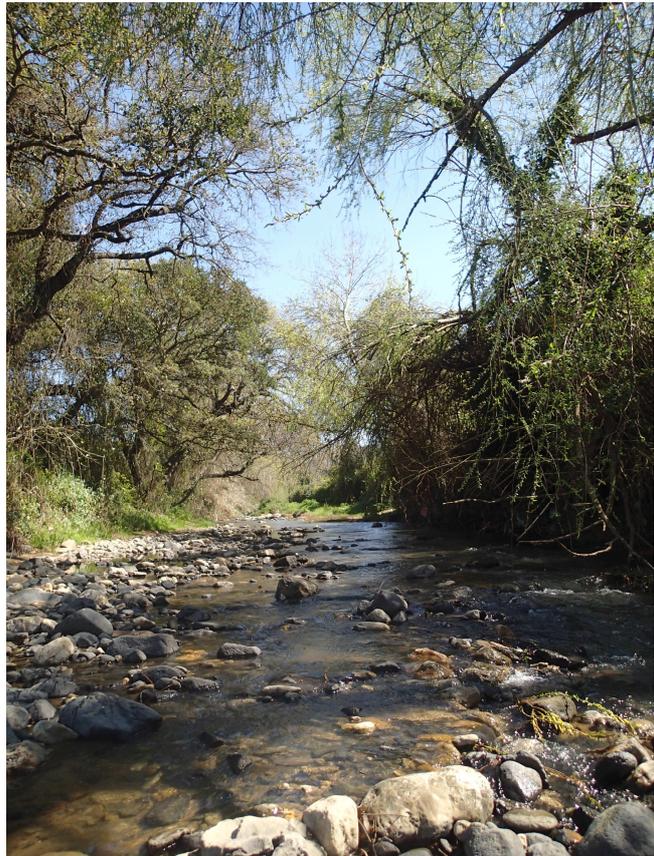


## AS PLANTAS DA MATA RIBEIRINHA

**Florestas em galeria, Mata ribeirinha** ou **Galeria ripícola** são termos que são entendíveis, com maior ou menor profundidade, pela generalidade das pessoas.

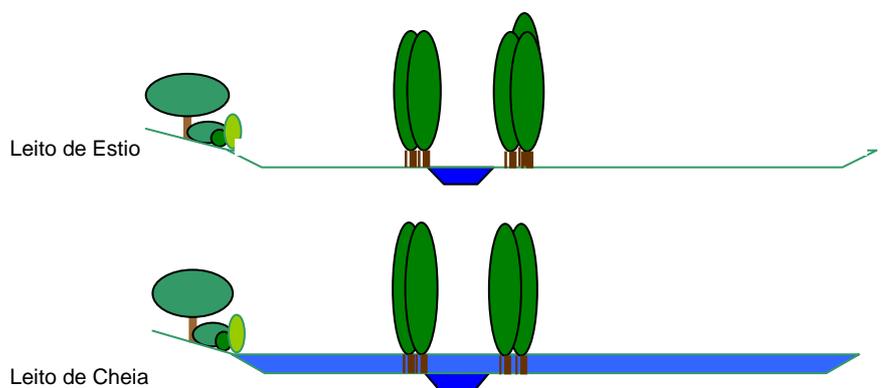
Em termos paisagísticos, a Mata Ribeirinha corresponde a dois alinhamentos longilíneos de árvores e arbustos dispostos paralelamente à linha de água, umas vezes em torno do leito de estio e outras em torno do leito de cheia.

Em torno do leito de cheia, na maior parte das situações, esta é apenas a orla da floresta que ocupa as encostas daí para montante, constituída por espécies pouco resistentes ao encharcamento



radicular. Contudo, por vezes, esta estrutura de vegetação transforma-se num alinhamento (devido ao clareamento a montante para maximização do uso agrícola do solo).

Pelo contrário, em torno do leito de estio, os alinhamentos formados são muito bem definidos, dominados por árvores e formam duas orlas, em torno delas, constituídas por arbustos que fazem de interface com a linha de água a jusante, e com os terrenos de herbáceas e solos férteis a montante. Estes terrenos agrícolas constituem o fundo do curso de água em situações de cheia (invernal).



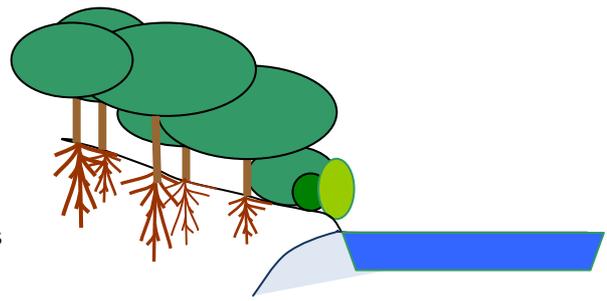
Definição dos leito de Estio e leito de Cheia

Quando olhamos atentamente para as duas Matas Ribeirinhas referidas podemos distinguir diferenças claras:

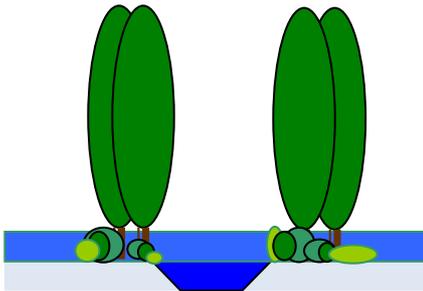


1. Na margem do leito de cheia

A primeira cortina arbustiva é constituída por arbustos ripícolas mas, a partir daí, para montante, a floresta que se instala é aquela que naturalmente deve existir na encosta, com plantas pouco ou nada resistentes à asfixia radicular pois a toalha freática nunca atinge as suas raízes.



2. Na margem do leito de estio



De uma forma quase simétrica, em torno da cortina arbórea, os arbustos formam estruturas mais ou menos triangulares. Todas as plantas são resistentes ao encharcamento radicular (algumas têm mesmo mecanismos acessórios de respiração) e todas são muito evapotranspirantes.

Pela forma que a Mata desenha habitualmente na paisagem, é possível compreender onde está o leito do curso de água, mesmo que este não possua água à vista (como nos regimes torrenciais temporários).



As plantas da Mata Ribeirinha têm uma grande capacidade de evapotranspiração pois possuem mecanismos fisiológicos, ao nível das células das folhas, no sentido de facilitar as trocas gasosas, e ao nível dos seus tecidos vasculares, no sentido de facilitarem o transporte de água das raízes para as folhas.

Na maior parte dos casos o seu sistema radicular é muito fasciculado, pois se assim não fosse a força das torrentes descalçaria com facilidade a sua estrutura de suporte e facilitaria o seu derrube. Esta sua defesa acaba por fazer com que os terrenos onde se instalam fiquem naturalmente muito defendidos da erosão mecânica provocada pelos cursos de água, dificultando assim o arrasto dos materiais e o seu depósito a jusante, o que iria provocar o assoreamento e inundações.

Uma paisagem ambientalmente estruturada com uma boa Mata Ribeirinha é, por isso, uma paisagem mais estável, equilibrada e sustentável.



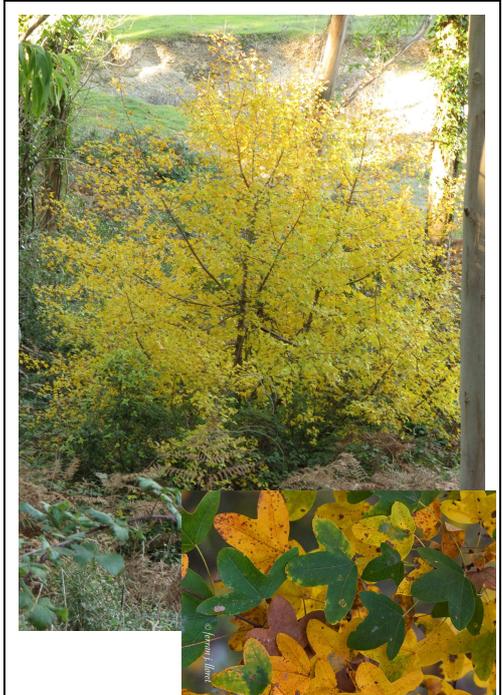
A venenosa Cevadilha (*Nerium oleander*) que pode ter flores brancas ou rosa é muito usada nos separadores das auto-estradas por ser tão resistente às variações de nível hídrico.



A Tamargueira (*Tamarix anglica*) pode ter flores brancas ou rosa e tem uma grande capacidade de retenção dos resíduos transportados pelos rios.

Os cursos de água do Sul do país têm regime temporário e, como tal, a sua Mata Ribeirinha tem a particularidade de suportar verões muito quentes e secos ou alagamento quase completo quando no Inverno o curso de água se enche. Dominam dois arbustos: a Cevadilha (*Nerium oleander*) e a Tamargueira (*Tamarix anglica*).

Quando o solo e o clima possibilita o desenvolvimento do estrato arbóreo, então surge o Bordo de Montpellier (*Acer monspessulanum*) que surge em Portugal apenas em cascalheiras escondidas das Serras da Arrábida, Montejunto e Aire.

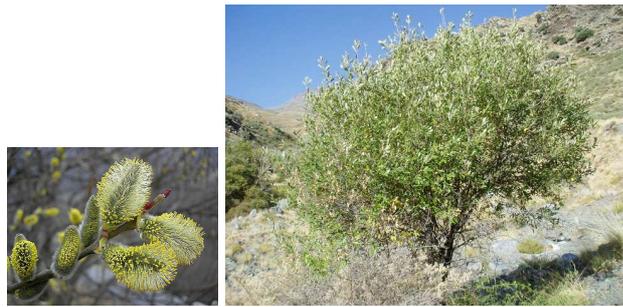


Bordo de Montpellier (*Acer monspessulanum*) na encosta Noroeste da Serra de Montejunto

**Na maior parte do país**, a Mata Ribeirinha é constituída por plantas da família das Salicáceas: como os Salgueiros brancos (*Salix alba*), os Salgueiros frágeis (*Salix fragilis*), os Salgueiros Chorões (*Salix X babylonica*), os Vimeeiros (*Salix viminalis*), as Borradeiras branca (*Salix cinerea*) e preta (*Salix atrocinerea*), os Choupos brancos (*Populus alba*), pretos (*Populus nigra*) e os tremedores (*Populus tremula*), etc..., embora também possam surgir plantas de outras famílias como por exemplo os Freixos (*Fraxinus spp.*) ou os Sabugueiros (*Sambucus nigra*)



Salgueiros brancos (*Salix alba*)



Borrazeira negra (*Salix atrocinerea*)



Salgueiros frágeis (*Salix fragilis*),



Choupos brancos (*Populus alba*)



Salgueiros Chorões (*Salix X babylonica*),



Choupos negros (*Populus nigra*)



Vimeeiros (*Salix viminalis*),



Borrazeira branca (*Salix cinerea*)



Choupos tremedores (*Populus tremula*)



Freixos (*Fraxinus spp.*)



Sabugueiro (*Sambucus nigra*)

No **interior Norte** define-se uma outra mata ribeirinha de árvores com a folha mais escura e espessa: para além dos anteriores surgem os Ulmeiros ou Negrilhos (*Ulmus procera*) e os Ameiros (*Alnus glutinosa*)



Ulmeiros (*Ulmus procera*)



Ameiros (*Alnus glutinosa*)

Para além da vegetação arbórea e macroarbusciva a Mata Ribeirinha também é constituída por um estrato escandente de trepadeiras que promovem a ligação entre o estrato rasteiro e o estrato alto.

Neste estrato das trepadeiras merece destaque a Amora-das-Silvas (*Rubus ulmifolius*), as Madressilvas (*Lonicera spp.*) e o Tamujo (*Tamus communis*)



Madressilva (*Lonicera spp.*)



Tamujo (*Tamus communis*)



Amora das silvas (*Rubus ulmifolius.*)

No estrato mais baixo, é possível encontrar diversos arbustos pequenos e herbáceas, a maior parte dos quais surgem mesmo em cursos de água incipientes, mas que na realidade asseguram o coberto do solo e a estabilidade dos materiais mais soltos:

São os Juncos (*Juncus acutus*), as Tabuas (*Typha latifolia*), os Caniços (*Phragmites australis*) e os Lirios de água (*Iris pseudacorus*).



Caniços (*Phragmites australis*)



Lirios de água (*Iris pseudacorus*).



Juncos (*Juncus acutus*),



Tabuas (*Typha latifolia*),

## ATIVIDADE

Estudar a vegetação nunca é um trabalho simples, sobretudo graças à grande Fitodiversidade que existe e à semelhança entre muitas das plantas existentes num dado local. Estudar a vegetação da Mata Ribeirinha também não o será pelas mesmas razões.

Contudo, consoante o nível de ensino a que a população alvo pertence assim poderemos aprofundar mais ou menos esse estudo.

Numa primeira abordagem ( a mais simples ) podemos apenas apelar a que as crianças se familiarizem com a Fitodiversidade existente, pedindo-lhes apenas que constatem o número de espécies diferentes em presença.

Com um pouco mais de trabalho podemos pedir que a criança identifique qual(is) a(s) planta(s) que são mais importantes no ecossistema:

- a. Porque são mais numerosas (Abundância)
- b. Porque a projeção da sua copa promova um maior ensombramento sobre as outras (Dominância)
- c. Porque ocorram em quase todos os ecossistemas deste tipo (Frequência)
- d. Porque possuam uma forma que provoque uma maior ou menor ocupação do solo relativamente às demais (Fenologia)
- e. Por outros motivos, ... Etc...

Num estudo simples poderemos identificar cada espécie por códigos: A, B, C, ... ou 1, 2, 3, ...

À medida que formos melhorando o desempenho, será que com o apoio da presente ficha é possível atribuir um nome a alguma das plantas observadas ? Será certamente uma vitória...

